

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

KEYNNI DOUGLAS MENEZES CUNHA JÚNIOR

INDEPENDENTES:

**Um documentário artesanal sobre o
audiovisual independente em Uberlândia**

UBERLÂNDIA-MG

2021

KEYNNI DOUGLAS MENEZES CUNHA JÚNIOR

INDEPENDENTES:

**Um documentário artesanal sobre o
audiovisual independente em Uberlândia**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Bacharel em Artes Visuais.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Mattos Angerami.

UBERLÂNDIA-MG

2021

INDEPENDENTES:
**Um documentário artesanal sobre o
audiovisual independente em Uberlândia**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Bacharel em Artes Visuais.

Uberlândia, 14 de junho de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo Mattos Angerami
Universidade Federal de Uberlândia /MG

Prof. Dr. Renato Palumbo Dória
Universidade Federal de Uberlândia /MG

Francisco de Assis Silva
Representante do setor audiovisual no
conselho municipal de políticas culturais de Uberlândia

UBERLÂNDIA-MG
2021

AGRADECIMENTOS

Obviamente, não poderia deixar de começar agradecendo a todos que me ajudaram e me acompanharam durante a trajetória, não só desta pesquisa, mas de toda a graduação.

Agradeço à minha mãe e ao meu pai por sempre acreditarem em mim, cuidar e apoiar, não importa o que seja. Além de ensinarem e me incentivarem a ir atrás dos meus sonhos.

Agradeço também ao meu tio Danny Anderson, professor e artista que me incentivou e me introduziu ao mundo da arte.

Um imenso obrigado para minha vó Magnólia, bem como todas as tias-avós que sempre se juntaram e me apoiaram da melhor maneira possível. Com certeza não seria nada sem vocês.

Por último, da categoria família, mas não menos importante um obrigado a minha tia Mary que mesmo distante sempre se preocupou e acreditou no meu trabalho.

Um obrigado eterno para minha companheira, que está comigo todos os dias e me apoia nos momentos difíceis, me ajudou a amadurecer muito e acredita em mim, mais do que eu mesmo. Muito obrigado Débora Borba, com toda certeza sem seu apoio não chegaria até aqui.

Um abraço apertado nos meus amigos Jamal, também conhecido como Renato, e Vaine, vulgo Vinícius Guimarães, que a UFU me deu e que, com certeza, serão para a vida toda. Obrigado por estarem presentes!

Um formidável agradecimento para meu orientador, que me auxiliou, em meio a bloqueios e epifanias, na organização de todas as ideias que eu tinha nesta pesquisa. Muito obrigado professor Paulo Angerami

E por último, gostaria de agradecer ao Thiago Paulino e a todos os que participaram da produção deste trabalho. Um sincero agradecimento a Carlos Segundo, Cristiano Barbosa, Cleiton Custódio, Iara Magalhães, Larissa Dardânia, Olivia Franco, YujiKodato e Roberto Camargos.

RESUMO

Esta dissertação tem o objetivo de apresentar o processo de produção do documentário *Independentes*, juntamente com as reflexões estabelecidas entre os processos apresentados pelo filme e as reflexões sobre o que significa ser independente. O curta-metragem **Independentes** foi produzido de forma artesanal e aborda os processos de produção do audiovisual independente na cidade Uberlândia, evidenciando as dificuldades enfrentadas para realizar um filme e as estratégias utilizadas pelos produtores locais para contornar esses problemas. O filme é resultado de entrevistas realizadas com três produtoras locais, uma pesquisadora em cinema e um artista visual com produções audiovisuais em Uberlândia. As entrevistas foram realizadas através de perguntas abertas que buscavam entender como são produzidos os projetos dessas produtoras, desde a ideia, passando pela captação dos recursos até a distribuição e divulgação. O objetivo deste trabalho é relatar o processo de produção do documentário **Independentes**, que nasce a partir do questionamento do termo “Cinema Independente”, que é abordado por Anita Simis em seu artigo “Cinema Independente’ no Brasil”. Nesse artigo a autora questiona se existe, e o que é o cinema independente hoje no Brasil e o filme busca trazer essa mesma questão para audiovisual em Uberlândia. Seria ele independente de verdade? No quesito linguagem e estética visual, as classificações dos tipos de documentários descritas por Bill Nichols em “Introdução ao Documentário”, 2010, são utilizadas como parâmetro para identificar com qual dessas classificações, o filme produzido nesta pesquisa se enquadra. Como conclusão avalia que os processos de produção influenciam diretamente na estética e na forma de um trabalho artístico. E que as condições de produção disponíveis para o artista estão sempre relacionadas à realidade na qual ele se encontra, realidade esta que surge a partir das relações políticas. Por fim, faz uma breve avaliação do cenário de produção audiovisual independente em Uberlândia, com base nas entrevistas realizadas.

Palavras-Chave: Cinema Independente. Uberlândia. Documentário. Processo de produção audiovisual.

Abstract

This dissertation aims to present the production process of the documentary *Independentes*, together with the reflections established between the processes presented by the film and the reflections on what it means to be independent. The short film *Independentes* was produced by hand and addresses the independent audiovisual production processes in the city of Uberlândia, highlighting the difficulties faced in making a film and the strategies used by local producers to overcome these problems. The film is the result of interviews conducted with three local producers, a researcher in cinema and a visual artist with audiovisual productions in Uberlândia. The interviews were conducted through open questions that sought to understand how these producers' projects are produced, from the idea, through fundraising to distribution and dissemination. The objective of this work is to report the production process of the documentary *Independentes*, which was born from the questioning of the term "Cinema Independente", which is addressed by Anita Simis in her article "Cinema Independente' no Brasil". In this article, the author questions whether it exists, and what is independent cinema today in Brazil and the film seeks to bring this same issue to audiovisual in Uberlândia. Was he really independent? In terms of visual language and aesthetics, the classifications of the types of documentaries described by Bill Nichols in "Introduction to Documentary", 2010, are used as a parameter to identify with which of these classifications the film produced in this research fits. In conclusion, he assesses that production processes directly influence the aesthetics and form of an artistic work. And that the conditions of production available to the artist are always related to the reality in which he finds himself, a reality that arises from political relations. Finally, it makes a brief assessment of the independent audiovisual production scenario in Uberlândia, based on the interviews carried out.

Palavras-Chave: Independent Cinema. Uberlândia. Documentary. Audiovisual productionprocess.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	AUDIOVISUAL, EU ESCOLHO VOCÊ!	11
3	DESENVOLVIMENTO	14
3.1	Independente de que?	14
3.2	O Gênero documentário	17
3.2.1	O Documentário e suas vozes	17
3.2.2	Os modos de se representar a realidade.	18
3.3	O Documentário e a Cidade	21
3.3.1	Como se produz filmes em Uberlândia?.....	21
3.3.2	Características da voz do filme.	23
3.4	O filme	25
3.4.1	Produção e aprendizado	25
3.4.2	Montagem e Pós-produção	26
3.4.3	Os defeitos podem contar algo mais.	31
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
	REFERÊNCIAS	35
	APÊNDICE	38

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Carlos Segundo Produtora, O Sopro do Tempo.2019. Arquivo de produção.	13
Figura 2: Cristiano Barbosa, Produtora O Sopro do Tempo. 2019. Arquivo de produção.	13
Figura 3: Iara Magalhães, 2019. Arquivo de produção.....	16
Figura 4: Larissa Dardânia e Olívia Franco .2020. Arquivo de produção	16
Figura 5: Cleiton Custódio, 2019. Arquivo de produção.	20
Figura 6: Direita para esquerda. Gustavo Martins (ator) , Roberto Camargos, Yuji Kodato e Lucas Vidal. Estreia documentário Wagão. Produtora Nóis.2019. Arquivo de produção.....	20
Figura 7: Frame gravação entrevista Carlos Segundo. 2019. Arquivo de produção.	24
Figura 8: Frame gravação entrevista Produtora Nóis. 2019. Arquivo de produção.	24
Figura 9: Frame vídeo: Nerdologia - “Seria possível para um furacão com uma bomba atômica?”	27
Figura 10: Frame vídeo: Nerdologia - O que é o fascismo?	27
Figura 11: Frame vídeo: VOX - The sound that connects Stravinsky to Bruno Mars . 2018.....	28
Figura 12: Frame vídeo VOX - The sound that connects Stravinsky to Bruno Mars. 2018.....	28
Figura 13: frame do curta Independentes , 2021.....	29
Figura 14: frame do curta Independentes, 2021.....	30
Figura 15: frame do curta Independentes, 2021.....	30

1 INTRODUÇÃO

A partir das listas de aprovados no edital do Programa Municipal de Incentivo à Cultura (PMIC) de Uberlândia, publicadas nos diários oficiais do município¹ nos anos de 2018, 2020 e 2021, percebe-se a presença de produções audiovisuais realizadas por meio de incentivo público, além de mostras e festivais de cinema independente. Segundo a prefeitura de Uberlândia², em 2021 o fundo municipal destinou R\$3,1 milhões para 112 projetos culturais de todas as áreas. Infelizmente não existe um levantamento exato de quantas dessas produções são filmes, videoclipes, etc., já que no caderno de publicação dos resultados dos projetos selecionados no PMIC, os projetos audiovisuais aparecem em meio a outros projetos de fotografia, jogos analógicos, entre outros. Porém, ao analisar os nomes das propostas, 9 deles são para produção de curtas ou longas-metragens, com orçamentos que vão até R\$49.478,00.

Segundo o artigo “Cinema independente” no Brasil, de Anita Simis, houve um crescimento no número de filmes brasileiros lançados de 29, em 2002, para 142, em 2016. E ainda, segundo a ANCINE (Agência Nacional de Cinema), em seu Anuário Estatístico do Cinema Brasileiro 2019³, esse número já foi superado. Em 2019, foram 167 filmes brasileiros lançados, com recorde de 183 filmes em 2018.

Os dados apresentados acima abordam cinemas diferentes. Na ANCINE são avaliados os filmes de longa-metragem que recebem grandes incentivos públicos com orçamentos que giram em torno das centenas de milhares até as dezenas de milhões de reais. Já em Uberlândia, falamos de orçamentos bem menores, por volta de no máximo 50 mil reais, e que são geralmente curtas-metragens e videoclipes. Dessa forma, o cinema desenvolvido em Uberlândia pode ser chamado de “independente”, e, como veremos adiante, o cinema da ANCINE também, mesmo ambos sendo muito diferentes.

¹Diário Oficial do Município de Uberlândia n°5305 (2018), 5781 (2020), 6032 (2021)

²**Prefeitura divulga 122 projetos aprovados no Pmic** Prefeitura de Uberlândia. 18 jan. 2021 Disponível em: <<https://www.uberlandia.mg.gov.br/2021/01/18/prefeitura-divulga-122-projetos-aprovados-no-pmic/>> acesso em: 29 maio 2021

Segundo a Lei nº 8.401, de 08 de janeiro de 1992, Art. 2º, Inciso II, apresentado por Anita Simis em seu artigo “‘Cinema Independente’ no Brasil”: Produção Audiovisual Independente é

“aquela cujo produtor majoritário não é vinculado, direta ou indiretamente, a empresas concessionárias de serviços de radiodifusão e cabodifusão de sons ou imagens em qualquer tipo de transmissão. (BRASIL, 1992 apudSIMIS, 2018 p.98).

Isso quer dizer que todos os filmes, exceto aqueles produzidos pelas grandes empresas de comunicação de rádio e TV, se enquadram na categoria independente. Portanto, os filmes financiados pela ANCINE e os incentivados em Uberlândia pelo PMIC são considerados obras audiovisuais independentes.

Mas assim como Anita Simis, eu também me questioneei sobre o real significado do termo independente. Segundo ela: “esse cinema que cresce por meio de recursos públicos é independente de quê? Como ele pode ser independente se não há espaço para sua exibição? De forma artesanal e localizada[...]?” (SIMIS, 2018. p.102). Nessa perspectiva, percebe-se a necessidade de identificar como são realizadas as produções audiovisuais independentes em Uberlândia.

Uma de minhas preocupações iniciais foi saber como se dava a relação desses produtores com os desafios de trabalhar com equipamentos e equipe reduzidos e até que ponto isso poderia limitar ou – como vemos no filme – forçar ainda mais a pensar sobre a linguagem cinematográfica de uma forma diferente daquela produzida pela indústria.

A partir dessas questões, decide-se produzir um documentário que mistura os depoimentos de produtores locais sobre suas experiências com o audiovisual e o meu próprio processo de produção da pesquisa e do filme.

Foram escolhidos para a entrevista, 3 produtoras de Uberlândia que atuam no audiovisual e têm realizado produções relevantes nos últimos 15 anos, sendo elas: Produtora O Sopro do Tempo, representada por Carlos Segundo e Cristiano Barbosa; Nós Produtora, representada por Yuji Kodato e Roberto Camargos; Moviola Mídia Livre, uma produtora com equipe exclusivamente composta por mulheres, representada por Larissa Dardânia e Olívia Franco.

Também foram convidados Lara Magalhães, doutoranda em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais, também fundadora da Locadora

Sétima Arte, que teve, como vemos no filme, grande importância na formação do público de cinema em Uberlândia, e Cleiton Custódio, artista visual e amigo, bem como Cleo Custódio, também artista visual e amigo, que infelizmente não entrou nessa versão, mas participou ativamente da entrevista e da produção de vários dos filmes com seu irmão.

Para a coleta dos depoimentos foi escolhido o método de entrevista semi estruturada. As perguntas, portanto, serviram apenas como pontos de partida, com intuito de saber a visão dessas pessoas quanto aos processos de realização de seus trabalhos. As perguntas abordavam os seguintes temas: Significado do termo Independente, história pessoal com o audiovisual, desafios de produzir com baixo ou nenhum orçamento, captação de recursos e editais, distribuição e público.

No primeiro capítulo, relato uma breve trajetória entre o audiovisual, a minha vida e a graduação, a fim de justificar a escolha do audiovisual como linguagem para desenvolver a parte prática desta pesquisa.

O capítulo 2 apresenta os significados e interpretações do termo “Cinema Independente” no Brasil através de Anita Simis, doutora em Ciência Política pela USP, e Manuella Costa, doutoranda em Comunicação e Cultura, pela UFRJ,

No terceiro capítulo, descrevo as características que definem os tipos de representação do documentário, conforme Bill Nichols (2010) em seu livro, “Introdução ao documentário”. Sendo eles os modos: Expositivo, observativo, poético, participativo, reflexivo e performático.

No quarto capítulo, é feito um levantamento da produção audiovisual, com base nos depoimentos dos entrevistados. Atenta-se aqui que essa é uma amostra muito pequena para ser levada em consideração de forma a identificar as produções de toda a cidade. Entretanto, são depoimentos de produtores relevantes para o audiovisual uberlandense. Ainda neste capítulo, são abordadas as características dos modos expositivo e participativo, ambos presentes no filme produzido.

O quinto capítulo é destinado a apresentar algumas referências utilizadas para a produção das animações e o relato das decisões estéticas tomadas durante o processo de pós-produção do documentário **Independentes**.

Por fim, abordam-se as considerações finais acerca da pesquisa, com um levantamento das limitações do processo e sugestões de novas pesquisas, bem como possíveis ações para fortalecer o audiovisual em Uberlândia.

2 AUDIOVISUAL, EU ESCOLHO VOCÊ!

Primeiramente uma rápida contextualização sobre mim. Cresci em Itapevi, município da região metropolitana de São Paulo e vim para Uberlândia especificamente para cursar a graduação em Artes Visuais na Universidade Federal de Uberlândia. O que me fez escolher Artes Visuais, como a grande maioria dos estudantes do curso, foi a relação que eu tinha com o desenho, inclusive quando ingressei na universidade estava finalizando o Curso técnico em Comunicação Visual na ETEC Carapicuíba, Carapicuíba - SP. Portanto, meu interesse primeiro, eram as artes gráficas.

No entanto, o audiovisual e o cinema sempre estiveram presentes na minha vida, assim como o desenho, seja nos momentos de lazer em família, quando íamos ao cinema e eu ficava horas conversando com meu pai sobre os filmes de *Star Wars*, ou quando observava e ajudava meu pai a produzir os próprios clipes de sua banda.

Ele, com certeza, foi a grande inspiração desse trabalho. Foi o primeiro artista independente que conheci e o vi tendo que quebrar a cabeça para conseguir realizar suas ideias, que iam desde programas de web rádio e programas de entrevistas na internet até documentários. Foi com ele que aprendi a dar os primeiros passos em um software de edição e, com certeza, foi ele quem me ensinou a técnica de aprender “fuçando”, sem medo de experimentar.

Foi assim que comecei a me relacionar com a parte de produção do audiovisual. Por volta de 2013/2014, eu já explorava a edição, gravando e editando vídeos de jogos com os amigos. Na escola em que estudei no ensino médio, alguns professores solicitavam trabalhos que exigiam a produção de vídeos, sobre matérias de biologia, entre outros. Esses trabalhos sempre me empolgavam e eu me dedicava como em nenhum outro. Tempos depois, antes de ingressar na faculdade, meu pai criou um programa de entrevistas para internet, que tinha o foco de registrar a história de músicos de Itapevi. Esse programa chamava-se “É Coisa Nossa”⁴ e a equipe de produção era composta por meu pai e eu.

⁴É Coisa Nossa. Disponível em <<https://www.youtube.com/user/programaecn/featured>> Acesso em:29 maio 2021

Percebe-se que eu já estava familiarizado com os processos de produção do audiovisual, porém quando chego ao curso de Artes Visuais, as disciplinas me levam para várias linguagens como desenho, pintura, cerâmica, escultura, fotografia, instalação, performance, xilogravuras, gravura em metal, entre outras. Ou seja, me apresenta diversas possibilidades que me deixaram indeciso, mas algo que sempre estava presente, independentemente da técnica, era a necessidade de encontrarmos uma poética para nossos trabalhos. Essa palavra me assombrou durante toda a graduação, pois para mim nunca foi claro o que eu buscava com os trabalhos que produzia. Porém hoje, relembro minha trajetória no curso, consigo perceber pontos em comum entre os trabalhos que mais me marcaram.

Pude perceber que essas obras eram aquelas que conseguiam me fazer refletir sobre aspectos da vida humana e das relações sociais, algo perceptível nos projetos que escolhi participar durante a graduação, como o Espetáculo Benedites, um espetáculo de teatro baseado no álbum “A mulher do fim do mundo”, de Elza Soares. A peça surge do contexto das ocupações nas universidades contra a PEC 241, em 2016, do qual participei ativamente, e percorre o Brasil por festivais universitários representando a UFU até 2018. Este espetáculo abordava questões sociais, como a violência contra negros e LGBTs; o descaso social com os dependentes químicos e moradores de rua, a intolerância religiosa com religiões de matriz africana, preconceitos com as formas do corpo, etc.

Outro projeto que participei e que também aborda questões sociais foi o curta-metragem Dor Invisível, realizado com o apoio do Programa de Incentivo à Cultura (PIAC- UFU). O filme, no qual fui responsável pela montagem, aborda as angústias que uma graduação pode exercer sobre os estudantes universitários e os impactos na saúde mental e física desses alunos.

Analisando esse percurso, percebo que a realidade e o social são assuntos que me interessam na arte. Como ela pode abordar essas questões e trazer, através de sua linguagem e características próprias, reflexões sobre o mundo em que vivemos. Portanto, mesmo o curso não ofertando disciplinas práticas de audiovisual, por conta de todo esse relacionamento prévio e extra curricular com a linguagem, a escolho para desenvolver meu projeto de conclusão de curso.

Hoje me sustento exclusivamente por meio do audiovisual, trabalhando como editor e *Motion Designer*, profissional responsável por desenvolver animações em

*Motion Graphics*⁵. Meus trabalhos são realizados através da marca Studio Quem, um estúdio de pós-produção e *Motion Graphics*, criado por mim, que desenvolve o serviço de pós-produção audiovisual para produções em Uberlândia e São Paulo.



Figura 1: Carlos Segundo Produtora, O Sopro do Tempo.2019. Arquivo de produção.



Figura 2: Cristiano Barbosa, Produtora O Sopro do Tempo. 2019. Arquivo de produção.

⁵ Segundo a escola de audiovisual AV Makers, motion graphics é uma técnica que une princípios de design gráfico e audiovisual. **Afinal, o que é Motion Graphics?** Avmakers. Disponível em <<https://www.avmakers.com.br/blog/afinal-o-que-e-motion-graphics/>> Acesso em: 30 maio 2021.

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 *Independente de que?*

O documentário **Independentes** parte da dúvida quanto ao significado do termo “cinema independente”. O senso comum utiliza essa nomeação aos filmes produzidos com baixo orçamento, mas ao analisar o significado da palavra “independente”, segundo Anita Simis (2018), entende-se o sentido de um cinema autônomo, que se desenvolve por conta própria. Entretanto, como veremos, o cinema chamado de independente no Brasil é extremamente dependente do Estado. É a partir dessas várias interpretações que este trabalho busca entender o que é o audiovisual independente em Uberlândia.

Essa denominação de cinema independente aparece sendo utilizado com predominância no audiovisual, de acordo com Manuella Costa (2016), nos Estados Unidos. Segundo Costa, o termo “*indie*”⁶ aparece no decorrer da história do cinema sendo utilizado para designar um grupo específico de cineastas que não realizavam seus filmes através do sistema de conglomerados de estúdios, que era dominado por algumas poucas grandes produtoras e distribuidoras.

No Brasil, durante os anos de 1950, o termo foi utilizado, segundo Melo (2008, p.376) *apud* Costa (2016), por dois grupos de cineastas distintos e cada um deles entendia essa independência de maneira diferente. O primeiro grupo era composto por produtoras-distribuidoras que produziam as chamadas “chanchadas” e tinham interesse no lucro comercial de seus filmes. Estes entendiam que eram independentes por seus processos de produção e distribuição não dependerem dos “[...] grandes estúdios e do monopólio do grupo Severiano Ribeiro” (MELO, 2008, p.376 *apud* COSTA, 2016, p.14). Nota-se que este entendimento é bem semelhante ao usado nos Estados Unidos.

O segundo grupo que se denomina também como independente era o dos cineastas considerados precursores do cinema novo. Estes entendiam que o cinema independente era aquele que deveria abordar questões político-sociais e que deveria apresentar características estéticas diferentes dos filmes produzidos pela produção hegemônica. Percebe-se, então, que sempre houve uma disputa acerca do que

⁶Expressão derivada da palavra inglesa “*independent*”

caracterizaria o cinema independente no Brasil se eram os meios de produção ou a temática/estética do filme.

Durante o período conhecido como Retomada do Cinema Brasileiro⁷, entretanto, há uma mudança na Lei nº 8.401, de 08 de janeiro de 1992, Art. 2º, Inciso II, apud Simis (2018) que passa a entender Produção Audiovisual Independente como:

“aquela cujo produtor majoritário não é vinculado, direta ou indiretamente, a empresas concessionárias de serviços de radiodifusão e cabodifusão de sons ou imagens em qualquer tipo de transmissão.”
(BRASIL, 1992 *apud* SIMIS, 2018 p.98).

Ou seja, qualquer filme que for produzido por uma empresa que não tenha vínculos com as grandes empresas de comunicação de rádio e TV é considerado uma produção independente.

Segundo Costa (2016), em 2001, é instaurada a Medida Provisória n. 2228-1/2001, que estipula os princípios da Política Nacional do Cinema e decreta a criação da ANCINE (Agência Nacional de Cinema). Essa MP traz também a mesma definição que a lei nº8.401 citada anteriormente sobre o que são produções independentes. Percebe-se aqui que não houve mudança quanto a definição de 1992 para 2001.

Neste mesmo documento, também são descritas as atribuições da ANCINE que, segundo Costa, são:

“sedimentar economicamente o setor audiovisual brasileiro, promovendo sua autossustentabilidade, por meio do fortalecimento da produção independente (nacional e regional), tanto no mercado interno quanto externo, de forma diversificada e com democratização do acesso.”
(COSTA, 2016, p.17).

A partir desse momento, entende-se que o cinema independente passa a depender da ANCINE para se desenvolver. Sendo assim, como questiona Simis:

⁷Expressão usada para se referir aos filmes produzidos entre 1995 e 2002. CINEMA da Retomada. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3742/cinema-da-retomada>>. Acesso em: 31 de mai. 2021. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

“esse cinema que cresce por meio de recursos públicos é independente de quê?” (SIMIS, 2018, p.102).

Simis (2018) lembra que também existe um cinema artesanal entre os filmes independentes, caracterizado, segundo ela, por orçamentos pequenos ou mesmo inexistentes e filmes pensados e produzidos um a um. Em contraponto, este cinema artesanal também pode incluir produções com orçamento de até 2,5 milhões de reais. Estes são os filmes comumente entendidos como independentes, entretanto como vimos, na legislação brasileira o significado é mais amplo e genérico.



Figura 3: Iara Magalhães, 2019. Arquivo de produção



Figura 4: Larissa Dardânia e Olívia Franco .2020. Arquivo de produção

3.2 O Gênero documentário

3.2.1 O Documentário e suas vozes

O documentário foi escolhido como gênero desse filme primeiramente por ser um tipo de filme que pode ser desenvolvido com poucos recursos. Dificilmente seria possível produzir uma ficção com uma equipe de basicamente uma pessoa, para roteirizar, dirigir, atuar, etc. Como afirma Manuela Penafria (2001) em seu artigo “O ponto de vista no filme documentário”:

“Pelas suas características, a produção de documentários é conduzida por equipas [equipes] reduzidas. É muito usual encontrarmos filmes onde o realizador é também produtor, câmera e, em especial, também editor (PENAFRIA, 2001, p.7).

Portanto, o documentário acaba sendo escolhido por ser o gênero que me dá uma maior liberdade e se adequa à minha realidade de recursos, ou para usar o termo central desse trabalho, possibilita uma independência no processo de produção.

Sobre o documentário, Bill Nichols (2010), crítico e teórico do gênero, afirma que os documentários dão visibilidade às matérias que constroem a realidade, através da escolha e estrutura desenvolvidas pelo documentarista. Isso quer dizer que através do documentário é possível perceber as características de nosso mundo. Essas características e pontos a serem observados são escolhidos pelo cineasta que desenvolve o filme.

Estes são, portanto, alguns pontos centrais referentes a todo documentário e que justificam a escolha deste gênero para um trabalho sobre o audiovisual independente em Uberlândia.

Entretanto, Nichols, em *Introdução ao Documentário* (2010), divide os filmes deste gênero em seis grupos com características próprias, a fim de analisar os documentários conforme o que ele denomina de voz do documentário: “Como toda voz que fala, a voz fílmica tem um estilo ou uma ‘natureza’ própria, que funciona como uma assinatura ou impressão digital” (NICHOLS, 2010, p.135).

3.2.2 Os modos de se representar a realidade

Os seis modos de representação são construídos através da análise das vozes de diversos filmes pela história do gênero documentário, resultando então em subgêneros para os filmes não ficcionais. Nichols comenta que um filme não precisa se limitar a se enquadrar em um único subgênero, podendo ter características de todos os modos, desde que um sempre seja o predominante. Os modos são: “poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático.” (*idem*.2010)

Os documentários definidos como poéticos surgem nos anos 1920 e deixam de lado a montagem em continuidade e a percepção de que lugar e tempo se está, para dar destaque às associações feitas através da montagem, envolvendo, segundo Nichols: “ritmos temporais e justaposições espaciais.” (NICHOLS, 2010, p.138). Ou seja, é um filme que se assemelha aos filmes experimentais em que a narrativa é construída sem uma retórica direta, mas propõe reflexões através da relação entre a justaposição de imagens e, em alguns filmes, com a música. Nichols aponta o filme *Chuva* (1929)⁸, de Joris Ivens, como exemplo deste subgênero.

O grupo dos documentários expositivos, como o próprio nome já diz, é composto por filmes que tentam expor um ponto de vista sobre determinado assunto. Esse grupo, de acordo com Nichols, “agrupa fragmentos do mundo histórico numa estrutura mais retórica ou argumentativa do que estética ou poética.” Ou seja, este é o subgênero que mais facilmente se entende como documentário, já que são nesses filmes que surgem a utilização de narrações a tentativa de explicar um ponto diretamente ao espectador. Deste modo, Nichols comenta que “numa inversão da ênfase tradicional do cinema, as imagens desempenham papel secundário.” (NICHOLS, 2010, p.143). Portanto, nas produções desse grupo, o argumento é o ponto central do filme e o restante dos processos trabalham em função de provar e convencer sobre este ponto.

Segundo Nichols, neste modo de representação a montagem é distinta da presente no modo poético, pois traz uma narrativa verbal e não visual como objetivo. A essa montagem, o autor dá o nome de montagem de evidência. Essa maneira de

⁸Unvittorionellafolla. **Joris Ivens - Regen (1929).avi**. Youtube. Mar.2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6ADNWzg4ZmE>> Acesso em: 28 de maio 2021

editar o filme “pode sacrificar a continuidade espacial ou temporal [...] se elas ajudarem a expor o argumento.”

Documentários observativos são aqueles em que o cineasta não aparece diretamente, assim como o poético. Entretanto, nesse modo de documentário o cineasta procura captar os acontecimentos como se ele não estivesse ali, não existisse. Nichols (2010), compara o cineasta, nesse modo de filme, a uma mosca que pousa na parede e observa tudo sem interferir. Com esse tipo de abordagem, o produtor do filme tenta fazer com que o espectador sinta que está naquela situação mostrada, e se identifique com a realidade.

Já o modo participativo é justamente o contrário. Neste modo de documentário, em que o cineasta tem que ir a campo, Nichols compara o cineasta com um antropólogo. Nesses filmes, o documentarista aparece de forma direta e tudo o que acontece diante da câmera só acontece por conta da sua presença. Essa maneira que o cineasta escolhe de aparecer no filme, pode ser tanto de maneira direta, estando fisicamente na frente da câmera, como também por meio de entrevistas, através de perguntas, afinal, as entrevistas não poderiam acontecer sem a interferência e presença do cineasta.

Sobre a utilização das entrevistas para criar a narrativa e a voz do documentarista, Nichols aponta: “Os cineastas usam a entrevista para juntar relatos diferentes numa única história. A voz do cineasta emerge da tecedura das vozes participantes e do material que trazem para sustentar o que dizem.” (NICHOLS, 2010, p.160). Portanto, as narrativas nesses filmes giram em torno do encontro entre o cineasta e o assunto tratado, bem como a sua perspectiva sobre aquele tema.

Os dois últimos modos de representação utilizados pelos documentários são: o reflexivo e o performático. O primeiro traz como característica o questionamento das formas de representação e não somente dos problemas sociais, mas também questiona a forma como costumamos representar e tratar esses assuntos no próprio filme.

Estes filmes estão relacionados com a intenção de nos chocar e quebrar expectativas. Segundo o autor: “o documentário reflexivo estimula no espectador uma forma mais elevada de consciência a respeito de sua relação com o documentário e aquilo que ele representa.” (NICHOLS, 2010, p.160). Ou seja, ao assistirmos a estes filmes, nos deparamos com o tema que ele apresenta, mas o

filme nos faz ir além e refletir sobre as formas como o documentário representa aquele determinado assunto.

Por fim, o modo performático é um modo de representação que, segundo Nichols, se aproxima do poético, nas características de uma montagem e narrativas mais subjetivas, entretanto sem a necessidade do cineasta sair completamente da cena como os filmes poéticos. De acordo com Nichols:

“O que esses filmes compartilham é um desvio da ênfase que o documentário dá à representação realista do mundo histórico para licenças poéticas, estruturas narrativas menos convencionais e formas de representação mais subjetivas.” (NICHOLS, 2010, p.160).



Figura 5: Cleiton Custódio, 2019. Arquivo de produção.



Figura 6: Direita para esquerda. Gustavo Martins (ator) , Roberto Camargos, Yuji Kodato e Lucas Vidal. Estreia documentário Wagão. Produtora Nóis.2019. Arquivo de produção.

3.3 O Documentário e a Cidade

3.3.1 *Como se produz filmes em Uberlândia?*

No primeiro capítulo desta pesquisa, são apresentados os significados da classificação “independente” nas produções audiovisuais, com um breve contexto histórico das interpretações dessa palavra. A definição atual, segundo a legislação brasileira, se refere apenas ao sentido econômico da palavra, definindo como independente todos os filmes em que a produtora majoritária não esteja ligada direta ou indiretamente às grandes empresas de comunicação de rádio e TV.

Portanto, o termo tem um significado amplo que engloba muitas produções com realidades e finalidades diferentes. O documentário **Independentes**, mostra algumas das características do audiovisual independente existente em Uberlândia, baseado nos relatos de produtores da cidade. Pode-se, então, tirar algumas observações sobre como são realizadas essas produções.

Percebe-se que todos os produtores entrevistados se identificaram com a classificação de “independente” e concordam que o significado esteja relacionado ao fato de suas produções não terem um nível industrial, com grandes equipes e, conseqüentemente, grandes orçamentos.

Observa-se que as produtoras possuem processos de produção semelhantes. Suas equipes são compostas por poucas pessoas que exercem múltiplas funções em todas as etapas de realização de um filme. Segundo Cristiano Barbosa, sócio da produtora O Sopro do Tempo, os filmes produzidos em Uberlândia possuem em sua maioria características experimentais e abordam geralmente temas sociopolíticos ou temas regionais e históricos.

A maioria dos projetos são desenvolvidos com recursos próprios dos produtores, alguns conseguem incentivos por meio de editais, como o PMIC (Programa Municipal de Incentivo à Cultura), geralmente optando pelo uso dos fundos municipais destinados à cultura do que pela isenção de impostos, e raras vezes optam por financiamento coletivo ou patrocínio direto. Na prática, as produtoras alternam entre as saídas disponíveis e acabam fazendo da forma que for

possível. Como alguns deles disseram no filme, “Independente do que for, nós iremos fazer [o filme]”.

Felizmente a cidade ainda possui uma lei de incentivo que atua por meio de isenção fiscal e um fundo municipal destinado à cultura, que auxiliam os produtores a realizarem seus projetos. Infelizmente, mesmo com essas produções sendo viabilizadas, a adesão de público é pequena e muitos nem chegam a saber da existência desses filmes. O que nos alerta para a urgência de se criar políticas públicas direcionadas à formação de público para que os recursos investidos nessas produções possam ter um impacto maior para a população.

Mesmo com uma lei de incentivo que possibilita a produção de curtas e até às vezes longa-metragem, Uberlândia não possui locais disponíveis para exibição das produções independentes, nem ao menos um site com o levantamento de quais são as produções realizadas e onde podem ser acessadas. Cabe, portanto, aos próprios produtores, criar mostras e festivais para exibirem seus trabalhos e alguns acabam sendo obrigados a retirar parte do orçamento da produção do filme para garantirem alguma exibição. Ainda fica em suas responsabilidades encontrar estratégias para divulgar e distribuir seus filmes, o que acaba acarretando ainda mais em uma baixa presença de público para essas produções.

Analisando os relatos dos entrevistados sobre o que os motivou a produzir e consumir um cinema fora das grandes produções, observou-se que a existência de locais de exibição regular, juntamente de espaços para debates sobre filmes, foi e é extremamente importante para a formação de um público consumidor de produção independente e, conseqüentemente, para o surgimento de novos produtores na cidade. Também é extremamente necessário que existam na cidade instituições de ensino de audiovisual, seja por meio de oficinas, universidades ou cursos técnicos. Como vemos no filme, a existência de um curso de cinema e mídias digitais, influenciou para que duas das produtoras entrevistadas pudessem existir. Com base nisso, podemos concluir que o cenário audiovisual independente de Uberlândia está em desenvolvimento, e ainda depende de muito apoio para distribuição e exibição, além do incentivo para produção. E assim como o documentário mostra, possui falhas e imperfeições, mas ainda sim é possível se orgulhar dos trabalhos produzidos na cidade, como bem mostram os trechos dos filmes destes produtores que aparecem no curta-metragem.

Outro ponto levantado pelos produtores é a realidade de que não é possível ter uma renda e viver apenas por meio de produções independentes. É preciso encontrar outras formas de se ter renda, seja trabalhando com a publicidade, seja em qualquer outra profissão. Sendo essa a principal realidade dos produtores locais, que são obrigados a se dividir em diferentes áreas e geralmente não conseguem se manter exclusivamente de seus projetos audiovisuais.

3.3.2 Características da voz do filme

Com base nas classificações de representação dos documentários, definidos por Bill Nichols, conclui-se que o filme “Independentes” se enquadra nas características de dois modos: expositivo e participativo. Identifica-se como elemento do modo expositivo a utilização da montagem de evidências, em que a edição é motivada a partir dos argumentos e depoimentos a fim de servirem a favor de um ponto de vista definido pelo documentarista.

No filme, podemos ver que cada entrevistado está em um tempo e local distintos, entretanto com a maneira com que o filme é montado, temos a impressão de que estão todos tendo uma mesma conversa. Não sentimos como se cada um falasse de suas produções de forma individual, já que os personagens compartilham suas ideias numa única conversa diretamente com o público, em momentos em que concordam e em outros em que discordam entre si.

O argumento verbal é o foco principal da montagem e a imagem acaba ficando em segundo plano. Apesar de o filme se encaixar em alguns aspectos desse subgênero, como a montagem de evidência e o narrador que direciona um argumento, acredito que a estrutura do documentário produzido seja uma mescla do modo expositivo com o modo participativo.

Outro elemento marcante do modo expositivo, presente no documentário, é a narração em *voice-over*, que é utilizada no filme como forma de direcionar o entendimento dos fragmentos de depoimentos. A narração no filme vai se envolvendo com o espectador e o aproximando da discussão que é exibida. O texto inicia de maneira formal, a partir da explicação etimológica da palavra independente e aos poucos vai se dirigindo ao espectador, apresentando as dúvidas e reflexões que eu, enquanto documentarista, tenho conforme vou aprendendo com os entrevistados. No fim, a narração termina interagindo diretamente com o público.

Já as características do modo participativo são as que dão estrutura ao filme, pois ele é totalmente baseado nas entrevistas, que, de acordo com Nichols, são interferências do documentarista na realidade.



Figura 7: Frame gravação entrevista Carlos Segundo. 2019. Arquivo de produção.



Figura 8: Frame gravação entrevista Produtora Nóis. 2019. Arquivo de produção.

3.4 O filme

3.4.1 *Produção e aprendizado*

O filme foi produzido de forma autônoma. Simis classificaria como um “cinema feito artesanalmente, um a um, e sem recursos públicos.” (SIMIS. 2018. p.101).

A equipe foi composta por Thiago Paulino, fotógrafo e cineasta, também graduando do curso de Artes Visuais na UFU, que colaborou nas decisões de fotografia e operou a segunda câmera livremente. E eu, que fiquei responsável por pesquisar e produzir as demais etapas deste trabalho.

A trilha sonora foi remixada pelo DJ Jamalsk, a partir de trechos das músicas do Vaine Mc, ambos artistas produtores da cidade de Uberlândia. A narração foi gravada pelo meu pai, Keynni Douglas, em seu estúdio (Obtenção Studio) em Itapevi, São Paulo.

Como o processo de realização desse filme foi um desafio para mim, devo admitir que aprendi com vários erros, desde a captação até a edição. Mas acredito que isso sejam apenas buracos em um trajeto maior.

Um dos clichês de produção audiovisual que ocorreu comigo foi que quase toda a entrevista com a produtora Nóis foi perdida, durante uma transferência de arquivos, mas por acaso, durante a pesquisa aconteceu, na Universidade de Uberlândia, a estreia do documentário Wagão, produzido pela Produtora Nóis. No dia do lançamento aconteceu uma conversa com os produtores e algumas das partes da conversa com a produtora, são deste dia. Coincidentemente algumas das perguntas abordaram as mesmas questões desta pesquisa e foram inseridas no filme.

Outro ponto importante é que durante a pesquisa ocorreu a pandemia de Covid-19, que continua até o momento presente, o que obrigou que a entrevista com a produtora Moviola, fosse feita virtualmente, através de videoconferência. Além de impossibilitar a captação de novas imagens na cidade, como era uma das ideias iniciais.

3.4.2 Montagem e Pós-produção

O primeiro ponto que gostaria de levantar é que assim como é dito no filme por Cleiton Custódio, a produção independente tem que se perguntar quem é o seu público. Portanto, observando a realidade na qual nos encontramos hoje, em meio à pandemia de Covid-19, percebe-se que quase todos os conteúdos audiovisuais produzidos estão sendo consumidos, basicamente através de celulares, tablets e computadores ou, no máximo, televisão.

Ou seja, os filmes não estão sendo assistidos por grandes grupos de pessoas, mas sim atingem cada espectador de forma individual e, com certeza, com esse filme não seria diferente. Não há a possibilidade de eu produzir algo para ser consumido numa sala de cinema, nem ao menos numa mostra independente para algumas pessoas por meio de um projetor digital, portanto levo em consideração isso na hora de montar o ritmo do filme.

Pelo fato de trabalhar com *motion graphics* e essa ser uma linguagem com grande circulação na internet e, de eu ter o hábito de consumir muitos vídeos no Youtube, como os vídeos dos canais Nerdologia e Vox, com certeza a estética e ritmo de edição influenciaram o filme.

Os canais citados acima, Nerdologia e Vox, produzem vídeos que têm o objetivo de explicar um determinado assunto, geralmente algum tema científico ou acontecimentos históricos, utilizando aspectos do que Nichols classificaria como documentários expositivos. Para isso, utilizam uma narração, ou também chamado de *voice-over*, que fala diretamente com o espectador e guia o raciocínio do argumento. Além de utilizarem também animações em *motion graphics* com e colagens digitais como recurso para ilustrar o que é dito pelo narrador.



Figura 9: Frame vídeo: Nerdologia - "Seria possível parar um furacão com uma bomba atômica?"⁹

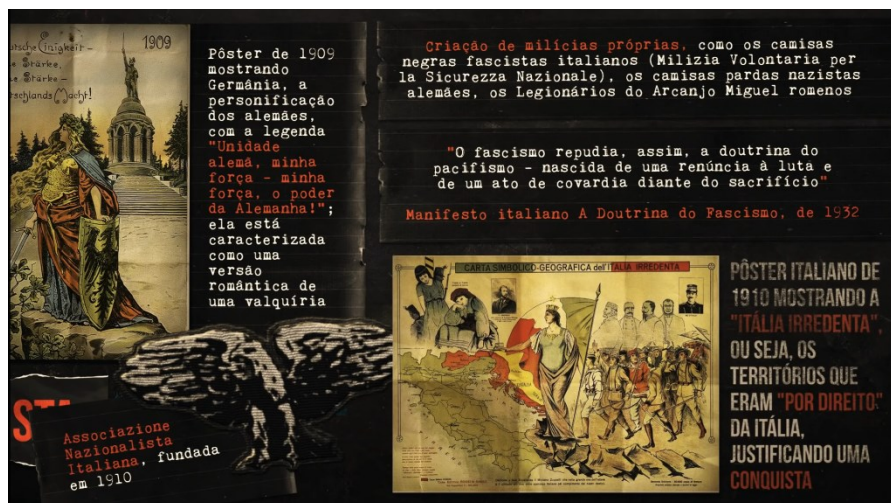


Figura 10: Frame vídeo: Nerdologia - O que é o fascismo?¹⁰

⁹Nerdologia. **Seria possível parar um furacão com uma bomba atômica? | Nerdologia.** Youtube, 11 de jun. de 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4p8mnKy7GxA>>. Acesso em: 30 maio de 2021.

¹⁰Nerdologia. **O que é o fascismo? | Nerdologia.** Youtube, 14 de jul. de 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kros-1kU1Qc&t=159s>>. Acesso em: 30 maio de 2021.

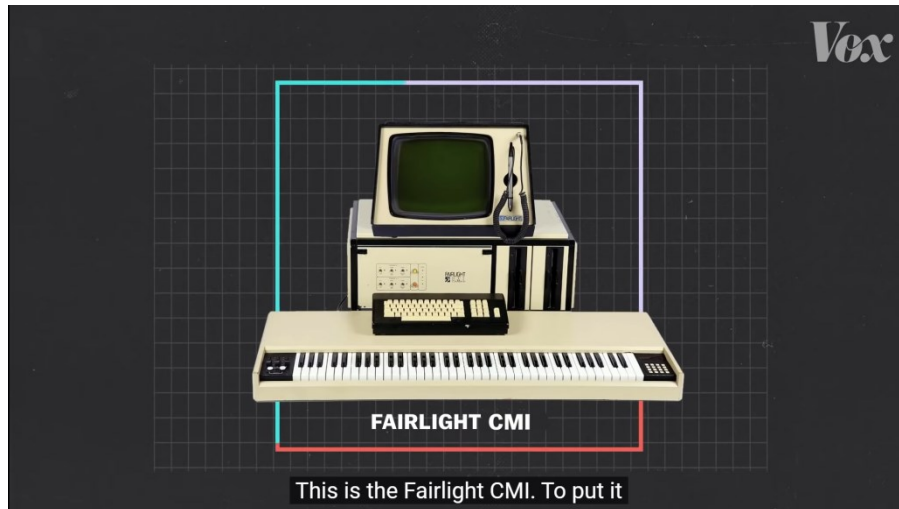


Figura 11: Frame vídeo: VOX - *The soundthatconnects Stravinsky to Bruno Mars*.¹¹

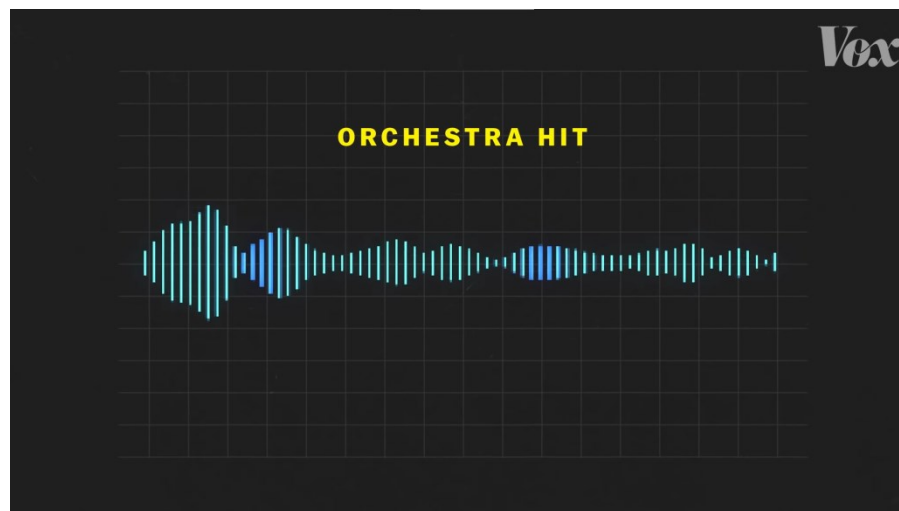


Figura 12: Frame vídeo VOX - *The soundthatconnects Stravinsky to Bruno Mars*.¹²

A estética dessas animações foi o que me inspirou a desenvolver a abertura e introdução do curta-metragem. Além de apresentarem um estilo visual que me agrada por ser dinâmico e possibilitar criar relações entre as imagens e narração de forma única, as animações têm estilos que eu já estou acostumado a desenvolver em trabalhos publicitários, para os meus clientes como *freelancer* em *motion design*. Esse tipo de animação tem a capacidade de interpretar o que é dito pelo narrador e trazer outros aspectos para além dos propostos pela narrativa verbal. Inicialmente a ideia era de que nos momentos de narração surgissem essas animações para

¹¹Vox. **The sound that connects Stravinsky to Bruno Mars**. Youtube, 15 de maio 2028. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8A1Aj1_EF9Y>. Acesso em: 30 de maio 2021.

¹² Ibid.

ilustrar e criar uma metáfora com o que é dito pelo narrador. Porém, infelizmente esse tipo de trabalho leva muito tempo para ser desenvolvido e essa ideia foi deixada de lado. Entretanto, como o início do filme tem a função de instigar o espectador para que ele se interesse pela narrativa, escolhi por introduzir o assunto com o auxílio da animação a fim de fazer com que ficasse mais evidente a relação de significados que eu estava construindo a partir da palavra independente. Sem a animação, acredito que este raciocínio ficaria um tanto confuso e aparentemente entediante.



Figura 13: frame do curta Independentes ¹³, 2021

¹³Studio Quem Motion Design. **Independentes | Audiovisual Independente em Uberlândia**. Youtube. 31 maio de 2021. Disponível em <<https://youtu.be/NRoH54dDX4U>> Acesso em 31 de maio 2021.



Figura 14: frame do curta Independentes, 2021



Figura 15: frame do curta Independentes, 2021

Outra característica marcante da montagem é a forte presença, quase que imposta, dos cortes secos e dos chamados *Jump Cuts*. Segundo o Glossário do Laboratório de Pesquisa em Tecnologias da Informação e da Comunicação - LATEC/UFRJ, *Jump Cuts* são “um corte que quebra a continuidade do tempo pulando de uma parte da ação para outra que é obviamente separada da primeira por um intervalo de tempo”. Hoje essa técnica de corte é muito utilizada em vídeos da internet, mas ficou amplamente conhecido, segundo Ferreira (2012) através dos filmes de Jean-Luc Godard, durante o período da *Nouvelle Vague*¹⁴. Sobre a

¹⁴ “Foi uma nova estética de cinema criada na França, em 1958, como reação contrária às superproduções hollywoodianas da época, encomendadas pelos grandes estúdios.” SANT’ANA, Thaís. **O que foi a Nouvelle Vague?** Super Interessante. 22 de jun.2011 Disponível em <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-foi-a-nouvelle-vague/>> Acesso em 01 de jun. 2021.

presença desse tipo de corte, em *O Acossado*, filme de Jean-Luc Godard, Ferreira diz: “Não só numa situação pontual, mas fá-lo várias e repetidas vezes ao longo do filme, propositadamente, demonstrando que o plano não tinha de estar refém à ação para existir montagem, pelo contrário.” (FERREIRA, 2012 p.36)

A partir de Godard esse tipo de corte passa a se tornar mais comum e chega até o uso nos vídeos da internet, principalmente vlogs¹⁵, com o objetivo de transmitir informações de maneira veloz. No documentário **Independentes** estes cortes são utilizados para emular a sensação de que todos os convidados estão em uma mesma conversa. Inspirado na dinâmica que existe quando estamos em uma conversa por aplicativos de videoconferência, como o *Google Meet*, recurso que ficou popular com a pandemia de Covid-19. Os cortes rápidos de um argumento ao outro são o que criam essa unidade no filme.

3.4.3 *Os defeitos podem contar algo mais*

O processo de realização desse documentário foi um grande processo de aprendizado e desde o começo eu queria que isso aparecesse no filme. Busquei relacionar as histórias e experiências dos entrevistados com o audiovisual, com as minhas próprias experiências com o processo de produção. Por isso, existem tantos erros técnicos durante o filme, seja um gravador que cai e é denunciado pela entrevistada, seja por uma iluminação que muda de um corte para o outro, uma imagem de baixa qualidade, um áudio poluído e nada profissional em determinados momentos, em outro um áudio de lapela. A câmera que treme loucamente quando em um nível de zoom muito alto.

Em qualquer outro filme, acredito que todos esses elementos certamente seriam corrigidos, ou cenas trocadas, refeitas ou simplesmente não seriam selecionadas. Entretanto, essas imperfeições, falhas e ruídos estavam em pontos importantes para a narrativa e foram ignorados para prevalecer o tema abordado. A primeira delas é que os recursos que uma produção audiovisual têm disponível, claramente interferem na narrativa que vamos contar, como é dito no filme. Outro

¹⁵ Abreviação de videoblogue. Para videologue ver <https://pt.wikipedia.org/wiki/Videoblogue>

ponto é que esses mesmos defeitos nos remetem a situações que provavelmente aconteceram com quem já realizou uma produção audiovisual.

Mas o que me chamou a atenção foi que essas imperfeições se relacionam com o fato de que o audiovisual na cidade ainda está em construção, em desenvolvimento. Essas falhas nos lembram que ainda há muito o que se fazer para se estruturar um audiovisual na cidade. Larissa Dardânia do Moviola, no curta **Independentes**, nos diz que Uberlândia ainda é um embrião e precisa crescer. Com isso em mente, acredito que todas essas imperfeições que existem no filme nos lembram, já que esse filme é produzido na mesma realidade sobre a qual retrata, que ele ainda não está pronto completamente. Tudo que é fundamental está lá, mas ainda falta uma certa atenção para alguns detalhes. Falta refinar algumas coisas e reconstruir outras. O filme está em desenvolvimento, assim como o artista que o produziu.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciei esta pesquisa, buscava entender o que é o audiovisual independente em Uberlândia, visto que o significado do termo é muito amplo e segundo a legislação brasileira, abrange produções muito distintas.

Diante disso, constata-se que a pesquisa cumpriu com seu objetivo de identificar os meios utilizados pelos produtores independentes em Uberlândia na realização e distribuição de seus filmes.

Foi produzido um documentário sobre essa investigação, resultando em um filme que relaciona as minhas dúvidas e inseguranças quanto aos desafios de se produzir audiovisual independente com as experiências e perspectivas de quem já atua ativamente na produção audiovisual em Uberlândia.

Infelizmente, não foi possível abordar nesta pesquisa os impactos da pandemia bem como os desdobramentos das medidas tomadas pelo governo de Jair Bolsonaro, que impactaram negativamente o cinema brasileiro independente. Fica a sugestão para possíveis pesquisas acerca desses impactos no cenário Audiovisual de Uberlândia.

Como resultado desta pesquisa, vemos que o audiovisual independente em Uberlândia busca maneiras distintas de se produzir, possui incentivos para produção, mesmo que pequeno, mas não possui políticas e nem espaços para distribuição e exibição dos trabalhos produzidos, fazendo com que muitos filmes e produções nunca sejam conhecidas.

Percebe-se também que o mercado dessas produções depende extremamente dos editais públicos, mas ainda assim são produzidos filmes com recursos próprios. As produções não são capazes de gerar renda para as produtoras, obrigando-os a encontrarem sustento com outras formas de audiovisual para publicidade ou em outras áreas.

Como dito anteriormente, o foco da pesquisa era a produção de um documentário, portanto, não foi possível fazer uma pesquisa sólida que conseguisse abordar uma amostra relevante sobre qual o real cenário e perfil dos produtores da cidade. Sendo assim, fica a sugestão para futuras pesquisas na área.

Quanto a medidas a serem tomadas para fortalecer o audiovisual na cidade, cito uma sugestão de Cristiano Barbosa, de ser feito um levantamento das

produções realizadas na cidade, produzidas ou não com incentivos públicos, categorizando, gêneros, produtoras, etc.

Outro ponto é a união dos produtores locais a fim de construir um espaço digital, como um site, em que seja possível ter acesso aos filmes lançados e produzidos na cidade. Por último, é necessária a construção, por meio do governo municipal, de criar políticas que auxiliem na distribuição dos filmes financiados por recursos públicos, a fim de garantir que essas produções cheguem à população.

REFERÊNCIAS

SIMIS, Anita. **“Cinema Independente” no Brasil**. In: Revista Brasileira de História da

Mídia. Vol.7n°1.jan./jun.2018.Disponívelem<<https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/issue/view/404>>Acesso em 31 de maio 2021.ISSN: 2238-5126.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**: tradução Mônica Saddy Matins. 5ª Edição. Campinas, SP. Papyrus. 2010. 272 p.

COSTA, Manuella. Cinema Independente do Brasil no contexto da globalização: práticas estéticas, performances políticas, condições econômicas. In: Compós UFG , 25. 07 -10 de jun. 2016. Goiás. **XXV Encontro Anual da Compós**. Disponível em <http://compos.org.br/biblioteca/cinema_independente_brazil_completo_3363.pdf> Acesso em 31 de maio 2021.

PENAFRIA, Manuela. **O ponto de vista do documentário**. Universidade da Beira Interior. Depto. de Comunicação e Artes. Covilhã, Portugal. 2001. Disponível em <<penafria-manuela-ponto-vista-doc.pdf> (ubi.pt)> Acesso em: 31 de maio 2021.

FERREIRA, Luís M. S. **O Jump-Cut no Cinema de Ficção Português: Recurso Artístico ou Técnica Narrativa?** Dissertação. Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa. 2012. 119p. Disponível em <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/12064/1/Dissertacao_final.pdf> Acesso em: 01 de jun. 2021

SIMIS, Anita. **Estado e Cinema no Brasil**. 1.ed. São Paulo,SP. Editora Unesp,2015. 303 p.

Publicações eletrônicas

Uberlândia. **Diário Oficial do Município nº5305** 25 de jan. 2018 Disponível em: <<http://docs.uberlandia.mg.gov.br/wp-content/uploads/2019/07/5305.pdf>> Acesso em: 29 maio 2021.

Uberlândia. **Diário Oficial do Município nº5781** 6 de jan. 2020 Disponível em: <<http://docs.uberlandia.mg.gov.br/wp-content/uploads/2020/01/5781.pdf>> Acesso em: 29 de maio 2021.

Uberlândia. **Diário Oficial do Município nº6032** 14 de jan. 2021 Disponível em: <<http://docs.uberlandia.mg.gov.br/wp-content/uploads/2021/01/6032.pdf>> Acesso em: 29 maio 2021.

Prefeitura divulga 122 projetos aprovados no Pmic Prefeitura de Uberlândia. 18 jan. 2021 Disponível em: <<https://www.uberlandia.mg.gov.br/2021/01/18/prefeitura-divulga-122-projetos-aprovados-no-pmic/>> Acesso em: 29 de maio 2021

Afinal, o que é Motion Graphics? Avmakers. Disponível em <<https://www.avmakers.com.br/blog/afinal-o-que-e-motion-graphics/>> Acesso em: 30 maio 2021.

CINEMA da Retomada. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3742/cinema-da-retomada>>. Acesso em: 28 de Mai. 2021. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

LINGUAGEM DO CINEMA E AUDIOVISUAL. **Glossário: Jump Cut**. Laboratório de Pesquisa em Tecnologias da Informação e da Comunicação - LATEC/UFRJ. <<http://www.linguagemdocinema.latec.ufrj.br/glossario/157-jump-cut>> Acesso em: 31 de maio 2021.

RASKIN, Richard. Five explanations for the jump cuts in Godard's Breathless. In: **P.O.V Point ofView**. nº4. Dez. 1998. 1996-2009. Department of Information and Media Studies. Aarhus University. Disponível em <https://pov.imv.au.dk/Issue_06/POV_6cnt.html> Acesso em: 31 de maio 2021.

ANCINE. **Anuário estatístico do Cinema Brasileiro 2019**. Disponível em <https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/repositorio/pdf/anuario_2019.pdf>

Acesso em: 31 de maio 2021

Vídeos

Studio Quem Motion Design. **Independentes | Audiovisual Independente em Uberlândia**. Youtube. 31 maio de 2021. Disponível em

<<https://youtu.be/NRoH54dDX4U>> Acesso em 31 de maio 2021.

É Coisa Nossa. **É Coisa Nossa**. Youtube. Disponível em

<<https://www.youtube.com/user/programaecn/featured>> Acesso em:29 de maio 2021

Unvittorionellafolla. **Joris Ivens - Regen (1929).avi**. Youtube. Mar.2012. Disponível

em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6ADNWzg4ZmE>> Acesso em: 28 de maio 2021

Nerdologia. **Seria possível parar um furacão com uma bomba atômica? |**

Nerdologia. Youtube, 11 de jun. de 2020. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=4p8mnKy7GxA> >. Acesso em: 30 de maio2021.

Nerdologia.**O que é o fascismo? | Nerdologia**. Youtube, 14 de jul. 2020. Disponível

em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kros-1kU1Qc&t=159s> >. Acesso em: 30 de maio 2021.

Vox. **The sound that connects Stravinsky to Bruno Mars**. Youtube, 15 de maio

2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8A1Aj1_EF9Y>. Acesso em: 30 de maio 2021.

APÊNDICE

Memorial das Entrevistas

Quando decidi iniciar meu projeto de TCC, eu estava em busca de conhecer e registrar a história das produções cinematográficas na cidade de Uberlândia. Durante o período da graduação, tive contato com alguns artistas que produziam seus próprios filmes, videoclipes, video-arte, etc. Pensei que poderia partir desses artistas para descobrir quem foram as pessoas que os inspiraram. A ideia era entrar em contato com as pessoas que os artistas indicariam e, aos poucos, construir uma cronologia do presente ao passado.

Entretanto, ao mesmo tempo, o modo com que esses produtores audiovisuais conseguem financiar e realizar seus filmes, com baixo ou quase nenhum orçamento, me intrigava. Por conhecê-los e conhecer alguns de seus trabalhos, eu sabia que eles dependiam de editais para conseguir financiamento ou então faziam apenas com o que tinham e a solidariedade coletiva de pessoas que também queriam produzir. Por fim, essa curiosidade sobre como ocorrem as produções com pouco ou nenhum orçamento em Uberlândia acaba por se sobressair ao tema histórico.

Com esses desejos e curiosidades, escolho fazer um documentário a fim de construir um filme sobre essas conversas com os produtores locais sobre seus processos e formas de produzir audiovisual. Para isso, decidi trabalhar com o formato de entrevistas para direcionar a conversa com os artistas.

Ainda com um interesse histórico sobre o audiovisual, logo de início as perguntas das entrevistas giravam em torno da história pessoal dos entrevistados com o audiovisual e como eles se encontraram com o fazer filmes. Na tentativa de classificar esses produtores que eu conhecia que realizavam filmes, me deparo com esse termo “Independente” e isso me intriga. Outras perguntas eram sobre isso então, como é ser esse artista independente, que precisa produzir por conta própria. Esses artistas se veem como profissionais? Eles se entendem por independentes?

ENTREVISTA 1

Entrevistados: Cleiton Custódio e Cleo Custódio

Equipe: Keynni Jr.

Equipamento: Câmera Canon PowerShot SX160 IS. Áudio da câmera.

Para um primeiro teste resolvi entrevistar um amigo do Curso de Artes Visuais, Cleiton Custódio, músico, artista visual, professor de Filosofia e Artes Visuais, e também cineasta independente. Ele e seu irmão Cleo, também artista visual e músico, realizaram curtas-metragens e videoclipes para as suas próprias bandas e sempre fizeram isso por meio da exploração e sem nenhum tipo de apoio financeiro.

A entrevista com ele foi mais voltada para as questões de como é ser e sentir-se produtor de filmes que as pessoas raramente veem, como é ser esse produtor/artista que não tem os equipamentos adequados e vai descobrindo, à sua maneira, formas de transmitir mensagens e histórias.

Nesta primeira entrevista, a equipe de produção era composta somente por mim com uma câmera digital. Escolhi, portanto, não esconder a realidade dos equipamentos e precariedade da gravação e equipamentos. Como não tenho tripé, a câmera está sempre em mãos durante essa entrevista.

Após essa primeira entrevista, conversei sobre o projeto com Chico de Assis, um artista e documentarista que participa ativamente do Conselho de Audiovisual de Uberlândia. Ele me contou sobre alguns produtores que realizaram filmes na cidade por volta do início dos anos 2000 e que tiveram grande destaques em festivais internacionais, e que até hoje continuam produzindo. Dentre esses diversos artistas, consigo contatar 3 deles para uma entrevista. Nesse momento, eu ainda buscava compreender como surgiram e o que influenciou gerações anteriores a produzirem cinema na cidade. Os artistas e pesquisadores que consegui contatar para as entrevistas foram Carlos Segundo, Cristiano Barbosa e Lara Magalhães.

ENTREVISTA 2

Entrevistados: Carlos Segundo e Cristiano Barbosa

Equipe: Keynni Jr e Thiago Paulino

Equipamento: Câmera Canon T3i Rebel, Câmera Canon EOS 6D Mark 1; Tripé para Câmera Fotográfica; Gravador de Áudio Tascam DR 05x, Fones de Ouvido.

Para essa segunda entrevista, pedi a ajuda de Thiago Paulino para trabalhar como segunda câmera e tomar as rédeas da direção de fotografia. Como ele possuía um tripé, a partir dessa entrevista passamos a ter uma câmera fixa e uma outra móvel, para a captação. A câmera fixa, peguei emprestada de minha amiga, Rubia Bernasci, e um gravador Tascam peguei emprestado com meu pai. Portanto esse filme só foi possível ser produzido também por apoio e coletividade o que eu descobriria mais à frente ser o elemento estrutural para todas as produções dos meus entrevistados.

Carlos Segundo atualmente mora e leciona no Rio Grande do Norte, mas continua com uma produtora na cidade (Produtora O Sopro do Tempo) com seu sócio Cristiano Barbosa. Quando fui entrevistar Carlos, eu queria saber como ele tomou a decisão de trabalhar com cinema, estando em Uberlândia, uma cidade fora do eixo Rio/São Paulo. Conversando com ele, descobri que em Uberlândia, em 2003, foi inaugurado um curso de Audiovisual na Faculdade UniTri, em que ele se formou. Esse curso formou várias pessoas que hoje trabalham com audiovisual na cidade e fora dela também, mas principalmente possibilitou que as pessoas na cidade tivessem contato com o audiovisual de forma profissional. Segundo Carlos, Iara Magalhães foi quem o convidou para o curso, ela era professora de História do Cinema no curso e posteriormente se tornou coordenadora.

A princípio, minhas perguntas para Carlos o direcionaram a contar como foi produzir seus primeiros filmes. Como encontrou parceiros? Onde ele exibia esses filmes? Havia público? Como divulgava? Descobri que ele e alguns amigos criaram mostras em parceria do SESC Uberlândia e a Curta Minas para exibir curtas de diversos locais do país, gratuitamente.

No mesmo dia, entrevistei também Cristiano Barbosa. A conversa com ele rodou mais para o sentido político das produções. Cristiano se encontrou com o cinema pelo fato de frequentar o cineclube organizado por Paulo Torres. Segundo

Barbosa, um dos mais antigos Cineclubes do país. Para ele, o fato de haver exposições públicas disponíveis na cidade foi o que ajudou a surgirem produtores independentes em Uberlândia. Além do Cineclube, Cristiano aponta que a Locadora Sétima Arte foi muito conhecida na cidade, e que foi fundada e administrada por Lara Magalhães e a destacou, por trazer diversos filmes clássicos e diferentes do grande circuito de cinema.

Por essa influência da locadora e pelo fato da Lara ter sido professora e coordenadora do curso de Cinema na UNITRI, percebi que ela era uma figura importante na história do audiovisual de Uberlândia.

Durante as entrevistas de Carlos e Cristiano, além das perguntas com teor histórico, perguntei também sobre como eles veem as produções na cidade e as possibilidades que Uberlândia oferece para se produzir audiovisual. Segundo Cristiano a prefeitura pouco conhece as produções independentes, mesmo as que são financiadas com dinheiro público não há um levantamento sobre quem produz e o que produzem e onde encontrar essas produções.

Ou seja, apesar de haver muitos artistas e produtores na cidade, o público e o governo pouco se relacionam com essas produções. Entretanto, os dois concordam que é extremamente necessário que essas produções continuem existindo pois são uma ferramenta política e trazem visibilidade para pessoas, histórias e culturas que são populares e acabam sendo esquecidas.

Outro tópico que conversei igualmente com Cristiano e Carlos foi sobre a profissionalização e remuneração daqueles que produzem cinema. Segundo ambos é irreal viver produzindo cinema em Uberlândia ou qualquer outro lugar do país, salvo as exceções daqueles que se profissionalizam no eixo Rio/São Paulo. Para eles, fazer cinema é sempre movido pela vontade de produzir, e produzir é caro. Os equipamentos, o tempo de trabalho das pessoas, as locações, pós-produção, tudo isso tem um custo. E ainda assim muitas vezes esses trabalhos não chegam a ser vistos.

Segundo eles, Uberlândia tem muitos produtores/artistas que se destacam e exploram as linguagens audiovisuais. O fato de muitos serem independentes força com que as produções aqui trabalhem com a criatividade e geralmente possuem teor político-social. Eles me indicaram diversas pessoas que trabalharam com eles e em outras produções que eles tiveram contato, entre esses, Nara Sbreebow, Roberto Chacur, Thaneressa Lima, YujiKodato e a produtora Nóis, Produtora Moviola, etc.

A partir desse momento eu percebi que a história do audiovisual em Uberlândia é gigantesca e vem de muito tempo. Antes mesmo do curso de Cinema da Uniter já haviam outros produtores, mas isso eu só iria descobrir na entrevista com a Iara Magalhães.

Entretanto, nesse momento eu percebi que eu seria incapaz de construir um trabalho sólido de história, primeiramente porque não tenho conhecimento algum em historiografia e segundo que essa é uma pesquisa que para ser realizada exige mais tempo do que eu tinha disponível.

ENTREVISTA 3

Entrevistados: Iara Magalhães

Equipe: Keynni Jr e Thiago Paulino

Equipamento: Câmera Canon T3i Rebel, Câmera Canon EOS 6D Mark 1; Tripé para Câmera Fotográfica; Gravador de Áudio Tascam DR 05x, Fones de Ouvido.

A terceira entrevista que realizei foi com Iara Magalhães. Ela nos recebeu em sua casa em Uberlândia. Iara é pesquisadora e doutoranda em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais na linha de pesquisa Pragmáticas da Imagem. Como dito anteriormente, Iara fundou a Locadora Sétima Arte e desde o início seu foco era trazer filmes que fugissem do *mainstream*. Iara não atua diretamente na produção de filmes, estudou bastante cinema, mas sempre realizou projetos de exibição e debates sobre cinema em Uberlândia.

Iara Magalhães conta o que a interessa quando faz exibições de filmes e os discute com outras pessoas. Ela comenta que quando administrava a locadora, realizou durante 13 anos, o projeto Pré-Estreia no qual haviam exibições de filmes do cinema nacional e realizavam debates nas manhãs de domingo acompanhados sempre de um bom café e pão de queijo. Segundo Iara, havia dias que era possível debater os filmes diretamente com os próprios diretores dos filmes.

Por conta dessa relação próxima com o cinema, Iara foi convidada para lecionar uma disciplina num curso que acabava de ser criado o Curso Superior Tecnológico em Cinema, Televisão e Mídia Digital na Universidade do Triângulo (UNITRI), no ano de 2003. Futuramente se torna coordenadora do curso, considerado um dos principais formadores e ponto de relacionamento entre muitos dos produtores de cinema da cidade. O curso se mantém até 2017 e é cancelado.

Durante a entrevista ela contou bastante sobre como entrou em contato com o cinema, como era o curso de Cinema e TV na UNITRI, citou diversas pessoas que foram professores e produtores no curso, isso me deixou ainda mais convencido de que para conseguir uma história do cinema na cidade exigiram ainda mais dezenas de entrevistas e possivelmente cada um citaria ainda mais pessoas.

Falamos também sobre como foi movimentar a cena de cine-debates na cidade. E por sorte, enquanto vasculhava suas coleções de filmes, ela encontrou o primeiro filme realizado por meio do edital PMIC na cidade. Essa produção foi

realizada por professores do curso de Cinema e TV. Hoje em dia, todos os anos temos diversos projetos de produções audiovisuais aprovados no PMIC, entretanto mesmo com essa recorrência, a cidade pouco conhece de seus produtores e seus filmes. No final como também nas outras entrevistas ela me conta sobre o poder agenciador do cinema e como isso é usado como ferramenta de lutas políticas.

ENTREVISTA 4

Entrevistados: YujiKodato e Roberto Camargos

Equipe: Keynni Jr e Thiago Paulino

Equipamento: Câmera Canon T3i Rebel, Câmera Canon EOS 6D Mark 1; Tripé para Câmera Fotográfica; Gravador de Áudio Tascam DR 05x, Fones de Ouvido.

Captação de Evento: Câmera Canon T3i Rebel

Após essas 3 entrevistas, decidi entrevistar alguns produtores do que chamei “nova geração” comparado a esses que eu havia acabado de entrevistar. Inicialmente fui entrevistar a produtora Nois, que é constituída por YujiKodato, Roberto Camargos e Lucas Vidal. Para a entrevista consegui me encontrar com Yuji e Roberto.

Os trabalhos da produtora Nois foram os primeiros trabalhos que tive contato aqui na cidade, e me despertaram o olhar para a cena audiovisual de Uberlândia. Os filmes eram muito bem feitos e falavam sobre realidades da cidade que eu estava conhecendo, pois havia acabado de chegar em 2015.

Para essas entrevistas, mais uma vez Thiago estava comigo, e nos encontramos na casa do Yuji. As perguntas nesse dia começaram no mesmo formato das anteriores, focando primeiramente em como foi que ambos, Yuji e Roberto, tiveram contato com a produção audiovisual. Num segundo momento, as perguntas foram direcionadas a como eram os processos e como eles resolviam os problemas que o baixo orçamento trazia para os filmes, pensando em formas de lidar com isso. Em um terceiro momento, discutimos sobre a possível democratização do audiovisual, com os celulares ficando cada vez mais acessíveis e sendo possível produzir filmes através deles, incluindo nisso também a facilidade de se encontrar tutoriais e informações técnicas na internet. Por último, discutimos se as produções que eles realizam aqui tem potências políticas e qual a opinião deles sobre isso.

Infelizmente, o áudio dessa entrevista se perdeu, e ficaram apenas as filmagens das câmeras, com áudios pouco aproveitáveis. Por sorte, meses antes de fazer a entrevista com Carlos Segundo e Cristiano Barbosa, a produtora Nois estava estreando um filme sobre Wagner Salazar, um ator, roteirista e diretor de teatro que movimentou a cena de Uberlândia e teve destaque fora do país. A

estreia ocorreu na UFU e houve um debate. Nesse dia, consegui fazer algumas perguntas e registrar de forma tímida alguns trechos das conversas que aconteceram por lá. E elas estavam intimamente ligadas aos processos de produção, divisão de tarefas, pesquisa. Como distribuir e como trabalhar sem orçamento. Como tornar acessível os filmes após eles serem realizados, etc. Aproveitei esses trechos para compor o filme final.

ENTREVISTA 5

Entrevistados: Larissa Dardânia e Olivia Franco

Equipe: Keynni Jr e Thiago Paulino

Equipamento: Câmera Canon T3i Rebel, Câmera Canon EOS 6D Mark 1; Tripé para Câmera Fotográfica; Gravador de Áudio Tascam DR 05x, Fones de Ouvido.

Por fim, ainda sentia a necessidade de trazer uma outra voz ao filme, já que até então eu havia entrevistado apenas homens e a Lara, entretanto após editar um pouco das entrevistas, percebi que todos os entrevistados sempre destacavam a produtora Moviola, que coincidentemente eu já havia trabalhado com uma das fundadoras, Olivia Franco. Moviola é uma produtora audiovisual, direcionada ao ramo musical, que produz diversos clipes e registros de shows. Entretanto, seus clipes têm sempre uma narrativa cinematográfica.

Então chamei Olivia Franco e Dardânia para serem entrevistadas. Dardânia entrou recentemente no Moviola, mas é uma fotógrafa e artista que já atua na cidade há alguns anos, sempre com a temática do corpo negro e, principalmente, feminino em foco. Dessa vez estávamos em meio a pandemia de Coronavírus e, portanto, a entrevista aconteceu por meio de uma conversa por vídeo conferência. Na entrevista, busquei saber um pouco de como ambas entraram em contato com a produção audiovisual e o que elas pensam sobre a forma como são valorizadas as produções na cidade e como produzir sem financiamentos. Para elas, a cidade não valoriza seus artistas. Se isso ocorre é apenas quando estes viram destaque fora dela, e ainda com muitas exceções.

Para todos os outros entrevistados o PMIC, edital de incentivo à cultura que financia projetos por meio de um fundo municipal, é uma ótima ferramenta para conseguir realizar seus projetos, entretanto Larissa e Olívia apresentaram um outro ponto, em que dizem que o edital não é acessível, muito burocrático, o que dificulta, segundo elas, o acesso de produções da periferia, privilegiando aqueles que têm mais experiência com esses tipos de projeto.

Com as entrevistas finalizadas, volto a editar e vou tentando lapidar o que tenho. Percebo que muitas das opiniões se repetem, mas não sei exatamente o que fazer com isso. Decido, de início, pegar algumas partes que eu gostaria que outras pessoas vissem a fim de que se discuta mais sobre quais caminhos o

audiovisual de Uberlândia deve tomar. O filme nasce, portanto, da montagem desses principais pontos discutidos costurados por meio de um narrador que apresenta as perguntas ao espectador.